

A construção do “Papa da Educação do Maciço de Baturité” (1990-2012).

RYCARDO WYLLES PINHEIRO NOGUEIRA*

1. Aracoiaba e seu Centenário: Um “palco” para atuação de Salomão Alves.

“Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira”.

*Michel de Certeau
A escrita da História*

É necessário, faz parte de nossa função, antes de tudo, situar as peças para fazer as engrenagens funcionarem de maneira adequada. Cada passo dado é uma ousadia, cada vírgula e ponto postos nos *is* fazem parte das tormentas e incertezas enfrentadas por nosso ofício.

Gerar espaços é conceber o que será movimentado pela História, no entanto, gerar o movimento desses espaços só nos é possível ao buscar entender sujeitos, práticas e ideias de um determinado tempo. Assim nos é permitido estabelecer caminhos para construir o que também entendemos como nosso “passado particular”, ou seja, aquele que construímos a partir de um presente que também é carregado de intenções. Tais elucubrações só nos são possíveis devido ao *lugar* pelo qual temos insistido reinventar (CERTEAU, 1982: 66).

Nosso esforço em reinventar está envolvido, em um primeiro instante, com o ano de 1990, mais exatamente em 16 de agosto, momento que foi celebrada a festa de comemoração do centenário da cidade de Aracoiaba.¹ Tal comemoração abre espaços para atuações, fermenta e constrói imagens de sujeitos comuns e figuras políticas que também entendemos como indivíduos-referenciais atuantes pela vida e pela escrita no espaço elaborado/estudado.

* Graduado em História pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

¹ “Aracoiaba, distante 96 km de Fortaleza, com 728 km² e uma população de 24.935 habitantes, situa-se na região cearense conhecida como Maciço de Baturité, e está dividida em nove distritos: Aracoiaba (sede), Varzantes, Ideal, Jenipapeiro, Plácido Martins, Lagoa de São João, Pedra Branca, Milton Belo e Jaguarão”. Cf. SAMPAIO FILHO, Dorian. História dos Municípios do Ceará. Fortaleza: RBS, 2003, p. 30.

Nosso trabalho tentará formular perguntas, com o que temos/entendemos como possível, para assim identificar e construir relações necessárias, isso não deixando de reconhecer os limites existentes. Sendo assim, nosso esforço buscará desmembrar subjetividades dos sujeitos por suas *representações* (PESAVENTO, 2005: 39-40), aquelas quando rememoram, aclamam, afirmam, dão nome ao que viram, ouviram e/ou vivenciaram.

Buscaremos entender a subjetividade de uma vida que atuou ao se “auto-escrever” diante de *outros*² e que, simultaneamente, e posteriormente a essa dita atuação, passa a ser rememorada de maneiras e por vias diferenciadas, por esses a quem chamamos *outros*. A *produção de si* (GOMES, 2004:11) em um envolvimento e relações com *outros* são pontos que propõe o recorte temático básicos necessários a este trabalho. Vamos então ao nosso interesse.

Salomão Alves de Moura Brasil é o nosso desafio, seus envolvimento, participações e atuações na cidade de Aracoiaba nos levaram a “forçar” escolhas e a distinguir significados em um dado momento e em um lugar determinado.

Embora tenha nascido na cidade de Iracema (1927), que se localiza ao norte do estado do Ceará, região Jaguaribana, é na cidade de Aracoiaba que constrói sua vida desde a infância. Filho de João Francisco e Oflia Nascimento, antiga professora da cidade de Aracoiaba, Salomão Alves viria ser, alguns anos mais tarde, um político de carreira e um professor renomado na referida cidade.

Sendo de formação escolar jesuítica, mesmo não optando pelo celibato, mas pelo direito, pela educação³ e pela política, Salomão Alves carrega em seus escritos⁴ uma linguagem romântica de patriotismo e fé cristã.

Se pensarmos, sempre existirão várias “entradas” para pensar sujeitos. Aqui podemos ousar e pensar em um “Salomão Religioso” (de formação jesuítica), “Salomão Político” (o vereador da cidade), “Salomão Poeta” (que escreve sentimentos, poesias),

² Daqui por diante, a comunidade aracoiabense, aqueles que mantiveram uma relação direta ou indireta com Salomão Alves (ex-alunos, professores, amigos e familiares) será entendida como os *outros*, pois são aqueles que experimentaram relações passadas, e que hoje reinterpretem e reelaboram o que o sujeito os apresentou, construindo, em segundo plano, ao seu modo muito particular, uma imagem e interpretação do mesmo.

³ Em 1954 faz cursos de Didática Geral e Engenharia Escolar pela Fundação Getúlio Vargas, Nova Friburgo Rio de Janeiro e em 1964 conclui o Curso de Ciências Jurídicas na Faculdade De Direito da Universidade Estadual do Ceará. Registro OAB nº 2261/CE Cf. MATOS, Rose Mary Santana & MOURA, Eugenia Maria de Castro e Silva. Trajetória Cultural In: BRASIL, Salomão Alves de Moura. *O Menino Que Disse SIM*. Fortaleza: Premium, 2008.p. 215-216.

⁴ Dois de seus livros mais conhecidos são: “*O Menino Que Disse SIM*” e “*Caleidoscópio*”. O primeiro sendo uma autobiografia e o segundo um livro de poesias.

“Salomão Professor” (amor pela educação), “Salomão Patriota” (amante de sua terra e pátria), “Salomão Músico” (que tocava piano) ⁵ entre outros, entretanto, buscamos um Salomão que apresenta a si, que atua ao construir sua própria imagem escrita, ou melhor, buscamos um Salomão que procura espaços disponíveis para sua empreitada auto-representativa escrita, mas que antes de tudo é por ele tramada em sua própria maneira de viver a vida; afinal, sabemos que é preciso viver para escrever, no entanto, para alguns, só se tem a vida como realmente vivida quando se escreve em função de algo ou alguma coisa.

Rose Mary Santana Matos, ex-aluna, secretária, amiga e admiradora de Salomão Alves faz-lhe elogios ao falar em entrevista acerca do Centenário de Aracoiaba, afirma a participação de Salomão Alves como determinante para a festa do Centenário em 1990.

O centenário de Aracoiaba foi até despertado historicamente pelo Dr. Salomão, porque ele é uma pessoa como eu gosto de me lembrar, que ele é uma pessoa que tinha quatro pontos fortes, como linha ou como filosofia de vida dele. Era o amor, o perdão, a gratidão e o outro que eu não estou me lembrando agora. São quatro coisas fortes na filosofia de vida dele, e... o reconhecimento, entendeu? Então ele um ano antes do centenário, depois o centenário foi em mil novecentos e noventa, um ano antes houve uma preparação aqui no próprio Ginásio⁶ com os alunos, então nós temos até, eu tenho até blusas que foram feitas numa gincana que houve porque muita coisa de Salomão era feita através de apresentações artísticas porque você sabe que didaticamente falando, você lê uma coisa fica um percentual na sua memória; você canta aquela coisa, fica bem mais, e você canta e coloca em ação, então a... a fortaleza daquele... daquela notícia ou daquele evento fica muito mais na sua memória. Então ele utilizava muito isso na didática dele, então o que foi que aconteceu. Um ano antes do centenário de Aracoiaba, que o centenário foi em mil novecentos e noventa, mas mil novecentos e oitenta e nove, já foi feita a gincana contando a história de Aracoiaba, aquela história que ele preparou e colocou, é... materializou no que a gente chama Jornal do Centenário de Aracoiaba, que foi publicada no encarte da... Tribuna do Ceará em mil novecentos e noventa.⁷[grifos meus].

Sendo um dos articuladores da festa do centenário da cidade de Aracoiaba em 16 de agosto de 1990, sua participação forneceu suportes, incrementou atividades que tornaram

⁵ Todas as adjetivações propostas foram fundamentadas em documentos (poesias, livros, fotos e entrevistas) e conversas informais com pessoas que foram próximas a “Salomão”.

⁶ O Ginásio Virgílio Távora, escola a qual Salomão Alves é fundador e proprietário desde 1958, tal escola foi aberta a várias famílias a partir do fim da década de 50, grande parte do reconhecimento da população para com Salomão Alves vem da sua atuação como educador na cidade. Daqui por diante referenciaremos a escola como usualmente é conhecida na cidade de Aracoiaba, G.V.T.

⁷ Entrevista realizada por Rycardo Wylles Pinheiro Nogueira com a Superintendente do Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Rose Mary Santana Matos. O depoimento foi dado no dia 23 de outubro de 2011 no “Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Salomão Alves de Moura Brasil”. Rose Matos, ex-aluna, secretária, amiga e companheira de Salomão Alves. Hoje trabalha para museu da cidade de Aracoiaba.

possível a construção de uma imagem própria da festa dos cem anos do “lugar do canto das aves”⁸, assim como um destaque próprio de si diante do público aracoiabense, enquanto político e organizador responsável pelo evento.

“Ele é uma pessoa como eu gosto de me lembrar”, diz Rose Matos. Nesse sentido a mesma nos mostra com ênfase sua admiração por Salomão Alves em uma imagem que é também criada por ela mesma, pois escolhas são feitas para que a lembrança constitua um sentido para quem lembra. Rose Matos nos fala da didática, do método de Salomão quando usa apresentações artísticas como algo que faz permanecer o aprendizado, afirmando que a “fortaleza daquela notícia ou daquele evento fica muito mais na sua memória”, essa é uma maneira plausível de agir pela festa em prol da construção de um imaginário social que parte das próprias ideias de Salomão Alves para que uma verdade seja postulada.

Sua atuação possibilita que uma imagem de si seja gerada e ganhe formas diante do público aracoiabense. O fato de ter sido professor, político e homem religioso também diz respeito aos espaços que frequentou, tais espaços o colocaram em um contato com a comunidade, com os que viriam ser seus admiradores. A comemoração o possibilitou apresentar sua vida, suas ações a uma comunidade que posteriormente o reconhece como uma figura de importante presença.

Um espaço que pode ser entendido como prioridade, como preferência de Salomão Alves para elaborar suas tramas, é a página escrita, o papel, o rascunho que logo se torna público. Durante a festa do *Centenário* da cidade escreve para a comunidade aracoiabense que já o tem como o “Doutor”, pois é conhecido como homem inteligente na cidade, isso fornece crédito ao que escreve e constrói diversos sentidos sociais.

Para abertura da comemoração do *Centenário* foi o responsável ou responsabilizado pela articulação de um histórico, do passado ao presente, da cidade de Aracoiaba. Escrito por ele mesmo, publicado em 16 de agosto de 1990 pelo *Jornal Tribuna do Ceará*⁹, um histórico da cidade ganha corpo em espaços disponíveis pelo jornal citado. Tais espaços são utilizados para sua atuação como conhecedor da história da cidade, assim como “homem de letras” que se apresenta ou é apresentado durante o festejo. Na

⁸ “Significado no idioma indígena”. Cf. SAMPAIO FILHO, Dorian. Op. Cit. p.30.

⁹ *Jornal Tribuna do Ceará. 100 Anos Aracoiaba: Mudança se faz com trabalho.* 16 de agosto de 1990. p. 3.

apresentação do referido jornal Salomão Alves inicia sua participação escrita da seguinte maneira:

Ao realizar este trabalho despretensioso, foi minha intenção colaborar para que todos aracoiabenses tivessem um opúsculo do qual contasse, mesmo resumidamente, a história do Município de Aracoiaíba. Assim foi que realizei pesquisas, entrevistas, coleta de dados oficiais, examinei fotografias, valendo-me, sobretudo, das crônicas do grande jornalista, escritor e amigo de Aracoiaíba e meu também, Dr. José Alci Paiva, além de numerosas outras fontes. Sou grato em nome da comunidade aracoiabense, a todos quanto me ofereceram, de boa vontade, sua parcela de contribuição, para que esta obra viesse a lume, no Centenário do Município de Aracoiaíba. Obrigado. Aracoiaíba, 16 de agosto de 1990. Salomão Alves de Moura Brasil.¹⁰

Ao se mostrar como realizador do trabalho (da pesquisa) sobre o município de Aracoiaíba mostra sua intenção de colaborar com a história do município. Em uma semana de festa, onde a comemoração dos cem anos também tem como foco apresentar um histórico da cidade, Salomão Alves atua como um mensageiro, aquele que busca um passado em função da necessidade de uma consciência histórica da comunidade, busca atuar como historiador, pois diz que é de seu interesse “colaborar para que todos aracoiabenses tivessem um opúsculo” acerca da história do seu município. Ainda nesse raciocínio o podemos perceber como aquele que também tem um interesse em inserir um conhecimento próprio acerca da cidade em que atua, agindo assim sobre a memória social aracoiabense. Comemorar para Salomão Alves também significa conhecer e mostrar algo que deu início à trajetória, um ponto de partida, um marco inicial para que seja apresentada uma espécie de história *a radice* para a comunidade.

A “Primeira Parte” do jornal intitula-se: “Extrato das crônicas de Dr. José Alci Paiva. Histórico da origem do município de Aracoiaíba”.¹¹ Salomão Alves buscou desenvolver, de maneira sucinta e em ordem cronológica, a história da cidade de Aracoiaíba. Inicia da seguinte maneira: “Desde 1655 os Jesuítas viviam na região do Maciço de Baturité [...], pois desde o início da colonização foram os Jesuítas os pioneiros a prestarem esse valioso serviço em todos os rincões brasileiros”.

¹⁰ *Idem.* p. 2.

¹¹ Rose Matos afirma que o texto do histórico da cidade já tinha sido realizado um ano antes, em 1889, mas ao final da matéria a data do texto publicado no Jornal Tribuna do Ceará por Salomão data 26 de julho de 1990.

Como citado anteriormente, Salomão Alves teve formação Jesuítica¹², de certo modo, tendo como referência suas lembranças da convivência no mosteiro assim como por sua proximidade com os padres jesuítas, também nos é possível perceber o engrandecimento da imagem da ordem religiosa na escrita do histórico da cidade. Isso nos leva a compreender que um jogo de experiências vividas por ele no passado constitui, pela memória, uma relação com seus escritos para a comunidade aracoiaibense durante a comemoração do Centenário.

Em uma análise, talvez ousada, podemos entender que existem estreitos laços entre o que Salomão Alves entende como passado de sua vida, e o que escreve para a comemoração da festa da cidade. Sua escrita nos explica que os pontos de alusão a serem usados em função de uma história da cidade, também estão vinculados às suas experiências como estudante da Escola dos Jesuítas.

Em seu livro *Caleidoscópio*, lançado anos mais tarde, publica uma poesia que, possivelmente tenha sido escrita durante seus anos de estudos na Escola dos Jesuítas, pois no livro são publicadas poesias, não datadas, de várias épocas de sua vida. Vejamos dois trechos de sua poesia *O missionário*.

*Ei-lo que sonha: o jovem jesuíta,
Já vê em sonho o campo missionário;
Se lhe depara a cena não bonita,
Como lhe fora um conto legendário*

*Edificada a Igreja e a Cruz erguida,
Começa a missionar os infieis...
Cansados? Não lhe importam; dor fadiga,
Trabalhos? São-lhe glórias e lauréis. (BRASIL, 2005.p. 202-203)*

Ao fazer atribuição ao papel do missionário Salomão Alves faz inferência à luta das missões dos Jesuítas durante o período Colonial, nos leva perceber que além de sua busca por outros tempos (históricos), que existe em função de seus sentimentos para si e para *outros* acerca da história da cidade, também existe uma noção histórica da ordem jesuítica exercendo influencia sobre seu pensamento.

¹² Em 1947 Salomão é Presidente da Academia Inaciana de Letras – Colégio dos Jesuítas; em 1948 Salomão Alves conclui o “2º grau” na Escola Apostólica dos Padres Jesuítas em Baturité-Ce. Cf. MATOS, Rose Mary Santana & MOURA, Eugenia Maria de Castro e Silva. In: *O Menino que disse SIM. Op. Cit.* p. 214.

A atuação de Salomão Alves nos leva a refletir a partir da ideia de Helenice Rodrigues da Silva que “comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal” (SILVA, 2002: 432). Entretanto, se o objeto principal é a história, que antes de tudo é elaborada por Salomão Alves, logo o “reviver de maneira coletiva” passa a ter pontos de referência elaborados pelas vivências do mesmo.

2. Aclamação das memórias, um enquadramento de si? O “Papa da educação do Maciço de Baturité”.

O historiador não está preocupado em demonstrar verdades, mas em historiar os conceitos, as experiências, os sentidos dados à vida. Categorias abstratas – “os universais” – homogeneizadoras de diferentes experiências, próprias de um pensamento neutro, no qual o mundo é dividido em observador/observado, perdem sua validade e são retomadas como categorias históricas, isto é, noções construídas por determinados grupos, em determinados momentos, e em determinadas sociedades (BARBOSA 1997: 304).

As relações existentes entre os indivíduos são movimentações subjetivas que os permitem construir significados uns sobre outros. A troca de experiências, as negociações e conflitos fazem parte das maneiras de “viver a vida” de cada sujeito e de cada grupo. Os “sentidos dados à vida”, que, de acordo com Ivone Cordeiro Barbosa, também são historiados pelo historiador, levam em sua existência, uma troca de imagens políticas entre sujeitos que vivem em relações de negociação representativa constante, mas que têm seus aspectos diferenciados de acordo com a época da sociedade que a produz.

A partir da atuação de “uma memória individual”, que também é uma maneira de dar sentido à vida e ao mundo, por envolvimento individuais e coletivos, podemos entender que os aspectos interpretativos se colocam como os meios significantes. Meios estes que o sujeito necessita e se apega para apresentar o que lhes fora significativo em outros tempos e que no seu presente exerce, também, um papel particular de poder representativo, sendo assim a função da representação acaba construindo uma ordem narrativa que também tem seu aspecto prático na vida de uma comunidade.

Compreendemos que “os seres humanos ligam-se uns aos outros numa pluralidade, isto é, numa sociedade” (ELIAS, 1994: 8), no entanto tal afirmação não se encerra de maneira simples e efetiva. A sociedade de que Norbert Elias nos fala tem sua complexidade, pois também é referente à uma sociedade que exerce especificidades em si, que têm em seu âmago maneiras distintas de construir relações entre o *eu* e ou *outro* em seu tempo. Isso remete à construção de sentidos que os indivíduos exercem em suas vidas práticas e na elaboração das tramas nas narrativas de si.

O *eu* não está destituído do *outro*, assim como o *outro* não é o que é, se o *eu* não formular significados a seu respeito. Tais trocas de subjetividades nos conduzem a considerar, tanto a sociedade quanto o indivíduo, assim como suas relações, participantes de um jogo eterno de negociações, ou seja, “sua vida é uma totalidade, na qual entrecruzamentos diversos conformam a dinâmica do viver” (NEVES, 2000: 114) e dar sentido à vida.

Como político popular Salomão Alves fez questão de estar próximo aos aracoiaenses durante sua vida. Não se resguardava de contar histórias e manter uma relação “calorosa” com pessoas da cidade, pois “contava piadas muito bem, história de Trancoso muito bem, ninguém tira o mérito dele [...] tinha uma cabeça fantástica para contar... inventar uma história e você jura que é verdade”¹³.

A comunidade aracoiaense tem suas diversas lembranças, suas diversas narrativas acerca de Salomão Alves. Suas maneiras de tratar, conversar, “contar histórias” e dar atenção. Abriram espaços para que atuasse diante das pessoas e permanecesse em suas memórias, possibilitando matéria-prima para que estas gerassem e gerassem significados. Experiências anteriores, lembradas e contadas aos seus alunos na escola G.V.T como exemplo de vida, de “ser alguém na vida”, também foram maneiras de estabelecer laços entre seu passado (experiências), suas memórias (interpretações) e seu espaço social (memórias coletivas), tornando este seu “palco de atuação” pelas expectativas que o conduzia.

Retomando o centenário como espaço crucial de participação/atuação de Salomão Alves; em 1990 foi escrito um histórico da educação de Aracoia. Sendo Salomão Alves o principal articulador do jornal, como referido anteriormente, juntamente com a edição do

¹³ Sr. Karamazov, nascido em 30/10/1938, ex-aluno de “Salomão”. Entrevista realizada no dia 11 de novembro de 2012. Sr. Karamazov foi aluno de Salomão Alves e de sua escola na década de 1970. Em entrevista afirma sua proximidade com Salomão Alves. O nome foi preservado, preferimos usar pseudônimo, pois o entrevistado expõe controvérsias acerca das posturas escritas e faladas de “Salomão” e de outras pessoas que o referenciam.

jornalista e editor político do Jornal Tribuna do Ceará, Laerte Bezerra, natural da cidade de Aracoiaba e amigo de Salomão. A história escrita acerca da trajetória da educação aracoiabense centraliza sua família, possibilitando que um espaço para o “si mesmo” seja encontrado diante comunidade em festa.

Ao escrever na parte do jornal com o título *Educação*, Salomão Alves maneja seu passado familiar para explicar a educação aracoiabense. Escreve a história da educação fazendo referencia a sua mãe Otília Alves do Nascimento.

*Escola, nem se falava. Apenas em 1917, uma jovem com 17 anos de idade, vendo o analfabetismo da região, começou, em sua própria residência, a ensinar os mais próximos, gratuitamente no sítio “Encosta”. Era a jovem **Otília Alves do Nascimento** que muitos anos depois, conseguiu ser professora do estado, (escola até a 3ª série).¹⁴[grifo meu].*

A relação construída entre a família (sua mãe), Salomão Alves e a cidade, indica seu empenho em trabalhar para que uma memória da família e de si permaneça diante dos *outros* que o observam. Adjetivar sua mãe, Otília Alves, como a responsável pela alfabetização e pela educação, que segundo o mesmo “apenas em 1917” começa na cidade de Aracoiaba, nos leva a perceber que sua família também é uma maneira de abrir espaços para que o *eu* possa entrar em cena, no entanto sabemos que a própria oportunidade, reconhecida oficialmente pelo jornal, de escrever para uma comunidade, revela certa confiança das autoridades e da população em relação à Salomão Alves, deste modo o espaço é cedido para que este escreva e organize uma história da cidade pelo jornal. Isso nos mostra que certo espaço já foi “conquistado” para si e para sua família diante dos aracoiabenses.

Salomão Alves, ainda no mesmo texto, continua a discorrer sobre a “história da educação na cidade”, no entanto, desta vez, apresenta a si mesmo de maneira óbvia, ou seja, apresenta a si como sujeito que foi decisivo e que fez parte do marco inicial e do avanço da educação na cidade. Vejamos ainda na mesma página do jornal:

O leque da Educação só foi realmente aberto em 1958, após abertura e funcionamento do Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora, fruto da coragem e do espírito de pioneirismo de um aracoiabense nobre que teve a virtude de instalar um estabelecimento daquele porte, quando na realidade, em nosso meio social, tudo era

¹⁴Jornal Tribuna do Ceará. *Op. Cit.* p. 6.

descrença e marasmo, mantendo-se tudo estagnado na “estaca-zero”. Este novo “Bandeirante”, hoje, consagrado “Papa da Educação do Maciço de Baturité”, é o Dr. Salomão Alves de Moura Brasil, ex-aluno do Colégio dos Jesuítas, que abriu o caminho e a oportunidade de Educação para todos os aracoiaenses, porque não dizer, para toda região do Maciço e suas adjacências”.

Ao utilizar-se da terceira pessoa Salomão Alves separa o *eu* situado no presente do *ele* do passado. O uso da linguagem favorece uma estratégia astuciosa do autor, no entanto sabemos que o *eu* e o *ele* estão contidos e envolvidos intrinsecamente na narrativa (como personagem), e na experiência do narrar (como Salomão Alves) em um mesmo indivíduo.

Salomão Alves faz referencia a “Este novo Bandeirante”, no entanto, além de fazer menção à imagem de um homem que trabalhou no passado em prol da educação, faz inferência a um personagem que também é narrador e autor ao de si próprio. O “Bandeirante” que em 1958, por meio “um estabelecimento daquele porte”, já desbravava possibilidades para o progresso, para uma educação na cidade, também desbrava em 1990, pela escrita sobre “o passado da cidade”, mecanismos que o ajudam a tornar possível o gerir de suas expectativas acerca de si e de sua família.

Pensando a partir de SACRAMENTO podemos perceber que, nesse caso que a credibilidade passa a ser evidenciada quando os personagens internos e externos à escrita se confundem em uma só pessoa.

A legitimidade é conferida pelo fato de autor, narrador e personagens se sobrepujarem numa única pessoa. Assim, a sua autolocalização pode ter mais força persuasiva do que qualquer outra localização. Afinal, aquele que viveu a história é quem a conta e assina a narração. Isso confere a autoridade necessária para ter o discurso sobre si como potencialmente mais válido do que de qualquer outro. (s.d: 02).

Salomão Alves, como referido anteriormente, classifica sua escola (G.V.T) como instituição de “grande porte” e de suma importância para a “abertura do leque” da educação, no entanto, esta é também fruto da “coragem e o espírito de pioneirismo de um aracoiaense nobre” que concebe o progresso a uma cidade que permanecia na “estaca-zero”.

Ao considerar a escola como importante, Salomão Alves não encerra sem antes fazer menção ao homem “que teve a virtude de instalar um estabelecimento daquele porte”. Nesse sentido podemos considerar, por sua escrita, que o mesmo apresenta à *outros* ter sido o

responsável pela criação de um instrumento que, também segundo ele mesmo, possibilitou ascensão da educação na cidade de Aracoiaba.

Anteriormente percebemos que ao fazer referência aos Jesuítas, Salomão Alves os menciona como pioneiros: “desde o início da colonização foram os Jesuítas os pioneiros a prestarem esse valioso serviço em todos os rincões brasileiros”¹⁵. Ainda na mesma história, quando discorre a história da educação, coloca a si mesmo também como “pioneiro”, mas faz menção à expansão do ensino e da educação na região do “Maciço de Baturité e adjacências” por meio de sua escola.

Compreendemos a escola como uma eficaz estratégia, pois foi um dos seus principais espaços de atuação na cidade, sendo assim pode ser entendida como um espaço que possibilitou a comunidade manter uma relação direta com Salomão Alves, pois tal lugar foi cenário para que as experiências fossem vividas por quem a ela tinha acesso. As relações que as pessoas construíram a partir da escola no passado foram cruciais para que, no presente, pudessem, também, propor uma memória acerca de outros tempos vividos, tais memórias certamente trazem uma apropriação da imagem de Salomão Alves para a construção de uma “imagem prodígio”.

Foi possível perceber através de conversas informais com vários populares da cidade de Aracoiaba, aqueles que lembram de sua atuação na cidade, que não há como dissociar Salomão Alves do Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora, pois várias pessoas estudaram na escola e foram seus alunos por alguns anos.

Sr. Karamazov, aos 74 anos, ex-aluno fala de como considera a importância das oportunidades que foram dadas às pessoas na escola de “Salomão”. Ao lembrar dos professores que hoje atuam na cidade de Aracoiaba e Baturité enfatiza que estes têm uma dívida para com Salomão Alves. “Olha, sessenta por cento, botando assim mais ou menos, de professores, agradeçam a Salomão, e rezem pelo Salomão, sessenta por cento... e não só daqui... de Baturité também!”. Ainda fala acerca do G.V.T dizendo que “não era destaque, era um *destacão*”.

O reconhecimento de Sr. Karamazov acerca das oportunidades dadas por Salomão Alves aos futuros professores de Aracoiaba e Baturité, também é fruto de um trabalho

¹⁵ Jornal Tribuna do Ceará. *Op. Cit.* p. 3.

articulado por intermédio da escola. Ao lembrar de seus colegas de sala da época em que estudou na escola, enfatiza que no presente existe uma dívida entre os ex-alunos e Salomão, por isso estes devem “agradecer”, devem “rezar” por quem os deu oportunidades, ou seja, ao “Papa da educação do maciço de Baturité”.

O colégio Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora pode ser entendido como referencia, pois constituiu um espaço diverso onde várias vivências puderam ser experimentadas pelos alunos que hoje tem lembranças daqueles tempos. Desde 1958, data da fundação, diversas gincanas promovidas pela escola, desfiles de 7 de setembro, bandas, encenações natalinas, entre outras atividades, foram realizadas e que de fato marcaram tanto uma nova presença como a trajetória da escola de Salomão Alves. Por meio de tais eventos construiu sua imagem vinculada à escola, fez da instituição sua própria “imagem e semelhança”. Para os jovens que não tinham condições de pagar mensalidade, foram cedidas bolsas¹⁶ de estudo e fardas escolares, isso certamente gerou uma gratidão por parte dos alunos e de suas famílias. Embora tenha sido dono e diretor da escola é importante ressaltar que não deixou de atuar no magistrado, sendo assim, em sala de aula manteve um contato direto com os alunos de sua escola.

Com o Jornal do *Centenário* Salomão Alves escreve a si no tempo, pois passa a remanejar pelas suas memórias e intenções em função de uma perpetuação de si no tempo. A escola, a família, as relações políticas foram meios e envolvimento úteis que o permitiram ousar em inventar uma imagem diante da comunidade.

Algumas contradições podem ser percebidas nos discursos das memórias referentes à nomeação de Salomão Alves, isso quando observamos acerca de sua “consagração” enquanto “Papa da educação do Maciço de Baturité” durante a festa. Não se sabe ao certo, quando, onde ou por quem tal termo foi cunhado, porém, há diante de nós uma possibilidade mais ou menos sólida de que uma imagem foi gerada pelas e através das relações construídas entre Salomão Alves e a comunidade aracoiaibense.

Rose Matos, ao falar acerca da “consagração do Papa da Educação do Maciço de Baturité”, demonstra que já existia, *a priori*, um reconhecimento e uma inquietação popular

¹⁶ Ofício 107/60. Ministério da Educação e Cultura. Assunto: Bolsas de estudo de complementação aos alunos Carlos Blemar Silveira e Maria Delam Silveira. Ass: Lauro de Oliveira Lima. Inspetor Seccional de Fortaleza. 06/05/1960.

em busca de um termo que o nomeasse enquanto responsável pelo “pioneirismo” na abertura do “leque da educação” na cidade. Ao fazer referência ao discurso de Dra. Marilene em 1990, Rose enfatiza.

*E num certo momento a Dra. Marilene numa bela inspiração num discurso, na hora saiu, eu não me lembro o momento, que é a época do centenário também, como ela estava conosco nesse trabalho, ela estava conosco nesse trabalho, então na hora do discurso dela ela falou e disse que toda aquela beleza educacional e cultural que estava acontecendo tinha por trás o Dr. Salomão Alves de Moura Brasil o **papa da educação do maciço de Baturité**. E ficou! Pronto! Então foi assim, como um termo que todo mundo estava buscando e não tinha encontrado, então quando ela disse isso todas as pessoas aplaudiram e ficou até hoje.¹⁷ [grifo meu]*

Segundo Rose Matos, a bela inspiração de Dra. Marilene Campêlo¹⁸, naquele momento “que é a época do centenário também” propõe um significado que a comunidade “estava buscando”. Nesse sentido, entendemos que a fala de Rose Matos acerca da colocação de Dra. Marilene, a enfatiza como a voz da verdade, a voz daquela que reconhece e aceita por que também vivenciou uma relação próxima á Salomão Alves quando este atuou na educação aracoibense.

Podemos estimar que Rose Matos constrói sentidos, aclama as glórias em torno de uma imagem, pois ao fazer inferência ao discurso de Dra. Marilene passa também a atuar retoricamente em sua narrativa na busca de consolidar o poder de permanência no tempo de um sujeito ao qual teve grande apreço. Sua afirmação quando diz: “E ficou! Pronto!”, pode ser entendida como uma imagem de permanência que ficou para si mesma. O discurso de Dra. Marilene, representado por intermédio da narrativa de Rose Matos resguarda desde significados que ela mesma (Dra. Marilene) escolhera para o aclamar diante da comunidade em festa, perpassando até nós pelo significado construído por Rose, acerca de Salomão Alves, como escolha feita para que o sentido criado permaneça tempos adiante.

Acerca da nomeação “Papa da Educação do Maciço de Baturité” algumas versões nos são dadas pelas memórias. Além da “bela inspiração de Dra. Marilene” em 1990, Rose Matos nos diz ainda que o Jornal Tribuna do Ceará foi preparado um ano antes da festa pelo próprio Salomão Alves.

¹⁷ Entrevista com Rose Mary Santana Matos realizada em 23 de outubro de 2011.

¹⁸ Vice-Prefeita em 1990, eleita em 2004, sendo reeleita em 2008 com o mandato até o fim de 2012.

Um ano antes do centenário de Aracoiaba, que o centenário foi em mil novecentos e noventa, mas mil novecentos e oitenta e nove, já foi feita a gincana contando a história de Aracoiaba, aquela história que ele preparou e colocou, é... materializou no que a gente chama Jornal do Centenário de Aracoiaba, que foi publicada no encarte da... Tribuna do Ceará em mil novecentos e noventa.¹⁹

Se a história publicada no jornal foi preparada um ano antes (1889), como nos afirma Rose Matos, e distribuído em 16 de agosto de 1990, apresentando a consagração “Papa da Educação do Maciço de Baturité”, porque Dra. Marilene é responsabilizada de tal aclamação em 1990? A dúvida se estende não a uma busca por um encaixe na temporalidade, mas por quem tal nomeação foi cunhada, ou seja, quem formulou tal ideia que desembocou no histórico da educação de Aracoiaba no referido jornal?

Rose Matos nos propôs duas versões. Inicialmente afirma que Salomão Alves preparou tal história um ano antes da festa, mais adiante, ainda na mesma conversa, fala da “bela inspiração” que Dra. Marilene teve ao propor tal nomeação. Afinal, quem o consagrou como “Papa da educação do Maciço de Baturité”? O próprio “Salomão” em 1989? ou Dra. Marilene Campêlo em 1990? Tais questões nos levam à algum lugar?

Salomão Alves, sendo o responsável pela escrita do jornal, tendo seu nome apresentado como autor do “opúsculo” acerca de uma história da cidade, conseguira apresentar a si diante de uma comunidade. Sua busca por um reconhecimento social na cidade nos leva a entender que as contradições existentes acerca de sua imagem, são, nada mais nada menos, que uma evidência de que sua imagem conquistou uma repercussão social representada por *outros*.

Ainda no jornal, Salomão Alves usa do espaço para organizar uma história política do município. Ao escrever no item “XXXVI – Políticos influentes após a Revolução de 1964”, apresenta políticos que considera “nomes ilustres” da cidade.

Após a Revolução de 1964, o sangue novo continuou correndo nas veias políticas do Município, com: Airton de Castro, Pedro Ferreira, Dr. Salomão, Dr. Gerardo, Celso Rocha, José Bernardino, Vicente Maia, Professora Gecilda Moura (1ª Vereadora de Aracoiaba), Manoel Júlio, Milton Belo, José Moura, Antonio Lopes da Silva e outros, vindo em 1976, fortalecer este contingente, os valorosos nomes de: Dr. Francisco. Ary Ribeiro Teixeira, Dr. Antonio Joaquim de Oliveira Neto, Dr.

¹⁹ Entrevista com Rose Mary Santana Matos realizada em 23 de outubro de 2011.

*Vicente Bastos e tantos outros nomes ilustres que compõe nosso elenco político, inclusive os atuais integrantes da Câmara Municipal de Aracoiaba, tudo isto se tratando da política interna do nosso município*²⁰.

Além de inserir a si próprio enquanto “sangue novo” das veias políticas da cidade, aclama políticos renomados, políticos que estão em atuação no momento da publicação do *Jornal do Centenário*. Tal atitude demonstra uma negociação das imagens políticas no presente em que escreve, o *eu* e o *outro* existem um em função dos ganhos nas imagens do lugar onde exerce a política, entretanto, percebemos que Salomão Alves referencia os vários nomes como “nomes ilustres”, sendo ele mesmo o “ilustre” responsável pela apresentação dos nomes que o tornará um político renomado de Aracoiaba.

Pensando em tais relações podemos refletir, não de maneira determinante, mas como expectativas, o que nos falou Marina Maluf quando referenciou Michel de Certeau acerca do “lugar” onde é produzido o que se escreve.

O “lugar” onde o relato é produzido é de evidente relevância, e como não há lugar no mundo que não esteja mergulhado na linguagem e na cultura de qualquer lugar que se fale – e qualquer que seja a intenção do escrevente -, não há como erradicar o ponto de vista, a incerteza, a contradição e a parcialidade da narrativa. Toda palavra reflete uma perspectiva particular esculpida por fatores sócio-culturais, políticos e pessoais (MALUF, 1995: 34).

Os espaços em que Salomão Alves se debruçou para apresentar a si permeiam desde as páginas do jornal, no evento, perpassado pela Câmara Legislativa, em suas conversas com populares, discursos político, em sua escola. Tais lugares foram necessários para que relações fossem construídas, para que também vivesse experiências que o levasse a contar sua história. A atuação pública e a escrita existem, em parte, em função de um *eu*, pois “uma perspectiva particular” está intrinsecamente ligada à comunidade, á política local e a construção de si diante, por e para *outros*.

²⁰Jornal Tribuna do Ceará. Op. Cit. p. 8

Fontes literárias e Memorialistas:

BRASIL. *Caleidoscópio*. Fortaleza: Premium, 2005.

_____, Salomão Alves de Moura. *O Menino Que Disse SIM*. Fortaleza: Premium, 2008.

SAMPAIO FILHO, Dorian. *História dos Municípios do Ceará*. Fortaleza: RBS, 2003.

Jornais e Impressesos:

Ofício 107/60. Ministério da Educação e Cultura. Assunto: Bolsas de estudo de complementação aos alunos Carlos Blemar Silveira e Maria Delam Silveira. Ass: Lauro de Oliveira Lima. Inspetor Seccional de Fortaleza. 06/05/1960.

Jornal Tribuna do Ceará. *100 Anos Aracoiaba*: Mudança se faz com trabalho. 16 de agosto de 1990.

Entrevistas:

Rose Mary Santana Matos. Entrevista realizada em 23 de outubro de 2011.

Sr. Karamazov. Nascido em 30/10/1938. Entrevista realizada no dia 11 de novembro de 2012.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ivone Cordeiro. *A Experiência Humana e o Ato de Narrar*. Ricoeur e o Lugar da Interpretação. Revista Brasileira de História. São Paulo. Vol. 17º, nº 33, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GOMES, Ângela Castro. *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

NEVES, Lucília de Almeida. *Memória, História e Sujeito: substratos da identidade*. História Oral, 3º, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SACRAMENTO, Igor. *A retórica autobiográfica em Dias Gomes: apenas um subversivo?* Revista Mosaico. Rio de Janeiro. Edição nº 4, ano II. s.d.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Rememoração e Comemoração: as utilizações sociais da memória*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002.